

DETERMINANTES DO EMPREENDEDORISMO NO RIO GRANDE DO SUL

NICOLAS PAES¹; ROQUE PINTO DE CAMARGO NETO²; GABRIELITO MENEZES³

¹Universidade Federal do Rio Grande – nicolasnpaes@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – roquecneto@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – gabrielitorm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as variáveis socioeconômicas e demográficas que influenciam o perfil do indivíduo empreendedor no estado do Rio Grande do Sul (RS), utilizando a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra por domicílios (PNAD) para o ano de 2014.

Hoje o empreendedorismo é um elemento importante dentro da perspectiva macroeconômica de um país, tendo como consenso a sua contribuição no crescimento e desenvolvimento econômico (VIEIRA; JACINTO, 2013). De fato, pesquisas empíricas mostram as relações positivas entre empreendedorismo, crescimento econômico e inovação (PRAAG; VERSLOOT, 2007).

Dentro desta perspectiva, o empreendedorismo é considerado um dos responsáveis pela aplicação prática de novos processos de produção, inovação, novas tecnologias, e novas fontes de capitalização, causando choques de crescimento econômico (HOLCOMBE, 1998). De acordo com (OOSTERBEEK et al., 2010), os empreendedores, por sua característica de busca por inovações nas suas funções de produção, visando a maximização dos seus lucros, são as principais causas para o desenvolvimento endógeno no sistema econômico.

Há uma linha de estudos e consensos da teoria econômica sobre o tema, no sentido macroeconômico, mas é no ambiente microeconômico que temos o grande desafio em entender quais são variáveis e como elas influenciam na escolha de ser ou não empreendedor (VIEIRA; JACINTO, 2013). O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) diferencia o processo pelo qual se dá o empreendedorismo em duas classes, por oportunidade e por necessidade. Empreendedores por necessidade são aqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho e optam pelo empreendedorismo, enquanto empreendedores por oportunidade são aqueles que por opção e por acreditaram na oportunidade, preferem voluntariamente o empreendedorismo ao trabalho assalariado (REYNOLDS et al., 2002).

2. METODOLOGIA

Um indivíduo enfrenta um par de escolhas, e opta pela opção que lhe proporciona a maior utilidade. Muitas dessas configurações envolvem a escolha entre tomar uma ação ou não tomar, por exemplo, a decisão se deve ou não comprar um seguro de saúde. Em outros casos, a decisão pode ser entre duas escolhas distintas, tais como a decisão de viajar a trabalho através de transportes públicos ou privados. No caso escolha binária, o resultado “zero ou um” é apenas um rótulo de “sim ou não”, os valores numéricos são uma mera conveniência (GREENE, 2012).

De acordo com PARKER (2009) os modelos de escolha binária são amplamente utilizados em estudos sobre empreendedorismo, sendo que os mais

comuns são *probit* e *logit*, usados para modelar o empreendedorismo como uma escolha ocupacional.

O modelo é estimado utilizando-se o procedimento de máxima verossimilhança. O mesmo seleciona estimativas dos parâmetros desconhecidos de modo a maximizar o valor da função de máxima verossimilhança. A função de máxima verossimilhança do modelo *probit* é dada por:

$$\mathcal{L} = \prod_{i=1}^n \Phi\left(\frac{\beta'W_i}{\sigma}\right)^{z_i} \left[1 - \Phi\left(\frac{\beta'W_i}{\sigma}\right)\right]^{1-z_i} \quad (1)$$

Onde $\Phi(\cdot)$ é a função de distribuição cumulativa;

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da tabela 1 abaixo, pode-se notar que, no Rio Grande do Sul, um indivíduo ter o sexo masculino aumenta a chance de ser empreendedor, o que corrobora com o proposto por WIT & WINDER (1989), WELSCH & YOUNG (1984) e CROMIE (1987). Com relação à raça, temos que possuir a cor branca aumenta a chance de um indivíduo empreender, corroborando com BORJAS & BRONARS (1989). A idade também aumenta a chance de um indivíduo ser empreendedor, à medida em que ela aumenta, assim, em conformidade com o apresentado por MENEZES et al. (2015).

Com relação à educação, tem-se que a cada ano a mais de estudo aumenta a chance de empreender, o que corrobora com o trabalho de BLANCHFLOWER (2000), em que indivíduos mais educados apresentam maiores chances de se tornarem empreendedores. Além disso, ser chefe de família também aumenta a chance de um indivíduo se tornar empreendedor.

Possuir renda de aluguel assim como residir em área urbana, no Rio Grande do Sul, aumenta a chance de um indivíduo ser empreendedor; e residir em região metropolitana reduz a chance, corroborando com o encontrado por MENEZES et al. (2015) e CAMARGO NETO et al. (2016).

Tabela 1 – Resultados do modelo *probit*

Empreendedor	Coefficiente	Erro-padrão	Teste-t	P-valor
Sexo	0,3872	0,0449	8,61	0,000
Raça	0,2302	0,0411	5,61	0,000
Idade	0,0372	0,0088	4,23	0,000
Educ2	0,1541	0,0804	1,92	0,056
Educ4	0,1944	0,0915	2,13	0,034
Chefe	0,0822	0,0328	2,51	0,012
Renda aluguel	0,3446	0,1236	2,79	0,005
Urbana	0,7319	0,0899	8,14	0,000
Metrópole	-0,0637	0,0363	-1,75	0,080

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2014

4. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou analisar quais são os fatores determinantes que levam o indivíduo a fazer a escolha de se tornar ou não um empreendedor, para o Rio Grande do Sul. Desta forma, pode-se notar que as características socioeconômicas

como sexo, raça, idade, educação, renda de aluguel e localização da moradia em área urbana e metropolitana apresentam diferentes condicionantes sobre a decisão ocupacional no Estado do Rio Grande do Sul.

Em uma segunda etapa propõe-se estimar os efeitos marginais das variáveis utilizadas, cujo objetivo é obter os efeitos percentuais das categorias selecionadas com relação às categorias omitidas. E por fim, concluir este estudo com uma análise dos principais determinantes do empreendedorismo no Rio Grande do Sul, comparando os resultados encontrados com os estudos em âmbito nacional e internacional, com a finalidade de gerar contribuições para a presente literatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHFLOWER, D. G. Self-employment in OECD countries. **Labour economics**, v. 7, n. 5, p. 471–505, 2000.

BORJAS, G. J.; BRONARS, S. Consumer discrimination and self-employment. **The Journal of political economy**, 1989.

CAMARGO NETO, R. P.; MENEZES, G.; QUEIROZ, V. DOS S. **Condicionantes do empreendedorismo no Brasil: uma análise regional**. Enaber, 2016

CROMIE, S. Similarities and Differences between Women and Men Business Proprietorship. **International Small Business Journal**, 1987.

GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. 7th ed. ed. [s.l.] Pearson, 2012.

HOLCOMBE, R. G. Entrepreneurship and economic growth. **The Quarterly Journal of Austrian Economics**, 1998.

MENEZES, G.; DOS SANTOS QUEIROZ, V.; FEIJO, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. **ENABER**, 2015.

OOSTERBEEK, H.; VAN PRAAG, M.; IJSSELSTEIN, A. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. **European Economic Review**, v. 54, n. 3, p. 442–454, abr. 2010.

PARKER, S. C. **The economics of entrepreneurship**. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2009.

PRAAG, C. M. V.; VERSLOOT, P. H. What is the Value of entrepreneurship? A Review of Recent Research. n. IZA DP No. 3014, p. 43, 2007.

REYNOLDS, P. . D. et al. executive report. **Global Entrepreneurship Monitor.**, 2002.

TAMVADA, V. J. P. **Entrepreneurship and Economic Development**. Essays on Entrepreneurship and Economic Development—New Delhi: der Universität Göttingen, 2007.

VIEIRA, J. P.; JACINTO, P. DE A. **Religião e empreendedorismo no Brasil uma análise**, 2013.

WELSCH, H.; YOUNG, E. Male and Female Entrepreneurial Characteristics and Behaviours: A Profile of Similarities and Differences. **International Small Business Journal**, 1984.

WIT, G. D.; WINDER, F. A. A. M. V. An empirical analysis of self-employment in the Netherlands - Springer. **Small Business Economics**, v. Volume 1, Issue 4, pp 263-272, 1989.